



O relato político no cordel brasileiro: apropriações, institucionalização e subversão do “popular”.

Antonio Helonis Borges Brandão¹

DINTER UFF-URCA

E-mail: helonisbrandao@bol.com.br

O cordel brasileiro tem sido utilizado das mais diferenciadas formas como um veículo de formação, informação e entretenimento, pela sua linguagem de fácil compreensão, objetiva e direta, em forma de poesia rimada e metrificada. Por outro lado, na sua trajetória de mais de 100 anos, desde que os primeiros impressos foram produzidos em sextilhas e editados sob o formato de folhetos, pelos reconhecidos precursores em Pernambuco e na Paraíba (ABREU, 1999), se desenhcou a forma e a materialidade de um novo gênero literário, com características próprias e cânone amplamente estudado e reconhecido em centros de pesquisa e universidades, no Brasil e outros países pelo mundo (LUCIANO, 2012). No entanto, como gênero, ele quase sempre é identificado como uma literatura de aspecto “popular”, uma invenção, construção datada, sob alguns pressupostos que o associam a um gênero literário outro, quase sempre considerado inferior e por vezes desqualificado em seu conteúdo, quando comparado à “verdadeira” literatura. A maioria dos que estudaram o cordel o qualificam como uma produção, forma e formato veiculado a um público dado e intitulado como popular. O que, segundo Ana Maria de Oliveira Galvão, tende a “congelar” o cordel no tempo e no espaço, tornando-o a-histórico”(GALVÃO In: ABREU; BRAGANÇA, 2010, p. 567). Assim o cordel brasileiro tem sido qualificado, muito mais no sentido do que na forma, como autêntico, tradicional, por vezes ingênuo, e assim parte de outra ordem e caráter que o associa as chamadas classes populares, seguindo uma tradição iniciada pelos folcloristas e fortemente reproduzida pelos seus estudiosos até hoje. O popular por ser barato, pois produzido pelos poetas das classes mais baixas,

¹ Professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) e doutorando no DINTER UFF\URCA.



consumido pela população pobre, sob o formato volante de folhetos editados em papel jornal, o de custo mais inferior, de uma qualidade ordinária e com editoração descuidada, esse é quase sempre o mote para se problematizar o gênero poético, único e complexo. Assim, iremos partir de aspectos da sua produção, circulação e consumo, e do conceito de apropriação como usos diferenciados (CHARTIER, 1990) para discutir o “popular” embutido no cordel, nos seus usos diferenciados, processo de institucionalização enquanto tal e a subvenção desta construção. Nesta comunicação, tratamos, pois, de abordar um dos enredos mais recorrentes no cordel brasileiro, como parte de uma pesquisa maior sobre os usos do cordel, neste caso o discurso próprio do que chamamos de relato político, como uma temática de uso dos mais comuns nos dias de hoje. A nossa intenção é trazer uma discussão mais contemporânea sobre os significados advindos de um discurso político reverberado no cordel, o que Ruth Terra (1983) em estudo pioneiro chamou de “memórias de lutas”, a partir das leituras produzidas sobre os seus autores, editores e público consumidor, em aspectos do que definimos como institucionalização do “popular”, ou, por outro lado, sob a forma de subversão desse mesmo caráter atribuído ao cordel, que o faz literatura, gênero e cânone literário único, mas que não é reconhecido, pois parte de outra ordem, a dos escritos populares. O nosso método é o da história do livro e das práticas de leitura, e iremos focalizar a discussão a partir de um período em que esses relatos estiveram bastantes presentes, entre o 2º. Governo de FHC, em 1999, até o fim do 1º. Mandato de Lula em 2006. O marco temporal servirá apenas de balizamento, delimitação de um período em que vários desses folhetos foram editados, e circularam, pois a referência maior é o próprio sentido dos relatos políticos veiculados no cordel, como apropriação, institucionalização e subvenção de um caráter construído, veiculado como discurso, fazendo-se representação e produzindo um sentido como parte de um gênero dado como popular.

PALAVRAS-CHAVE: Cordel brasileiro; Apropriação; Institucionalização; Gênero literário.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “ Um impresso se populariza: o caso dos folhetos de cordel” In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (org.). **Impressos no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

LUCIANO, Aderaldo. **História crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições Adaga; São Paulo: Luzeiro, 2012.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930) . São Paulo: Global Editora, 1983.